



# No Carvalho

(Cliché de Francisco P. Mendes)

PROPRIETARIO

*Joaquim Antonio Pereira Villela.*

DIRECTOR

*Dr. Francisco de Souza Gomes Velloso.*

EDITOR

*Antonio José de Carvalho.*

ADMINISTRADOR

*Clemente de Campos A. Peixoto.*

## Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de  
informação graphica

Redacção, administração e typographia  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
BRAGA

### CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias (1 anno) . .	2\$400
» » (6 mezes) . . . . .	1\$200
» » (3 mezes) . . . . .	600
A cobrança feita pelo correio ou pelo cobrador accresce o importe das despesas.	
Estrangeiro (1 anno) . . . . .	3\$000
» (6 mezes) . . . . .	1\$000
Número avulso . . . . .	60

# Expediente

Vamos imprimir e dourar as capas para o 1.º volume da *Illustração Catholica*. Essas capas serão de percalina, douradas, e d'um bello effeito artistico.

Quem as pretender, tenha a bondade de, em postal, fazer a sua encomenda. Cada capa custa 320 reis incluindo o correio. O importe deve ser remettido em vale ou estampilhas.

---

## CALLOS

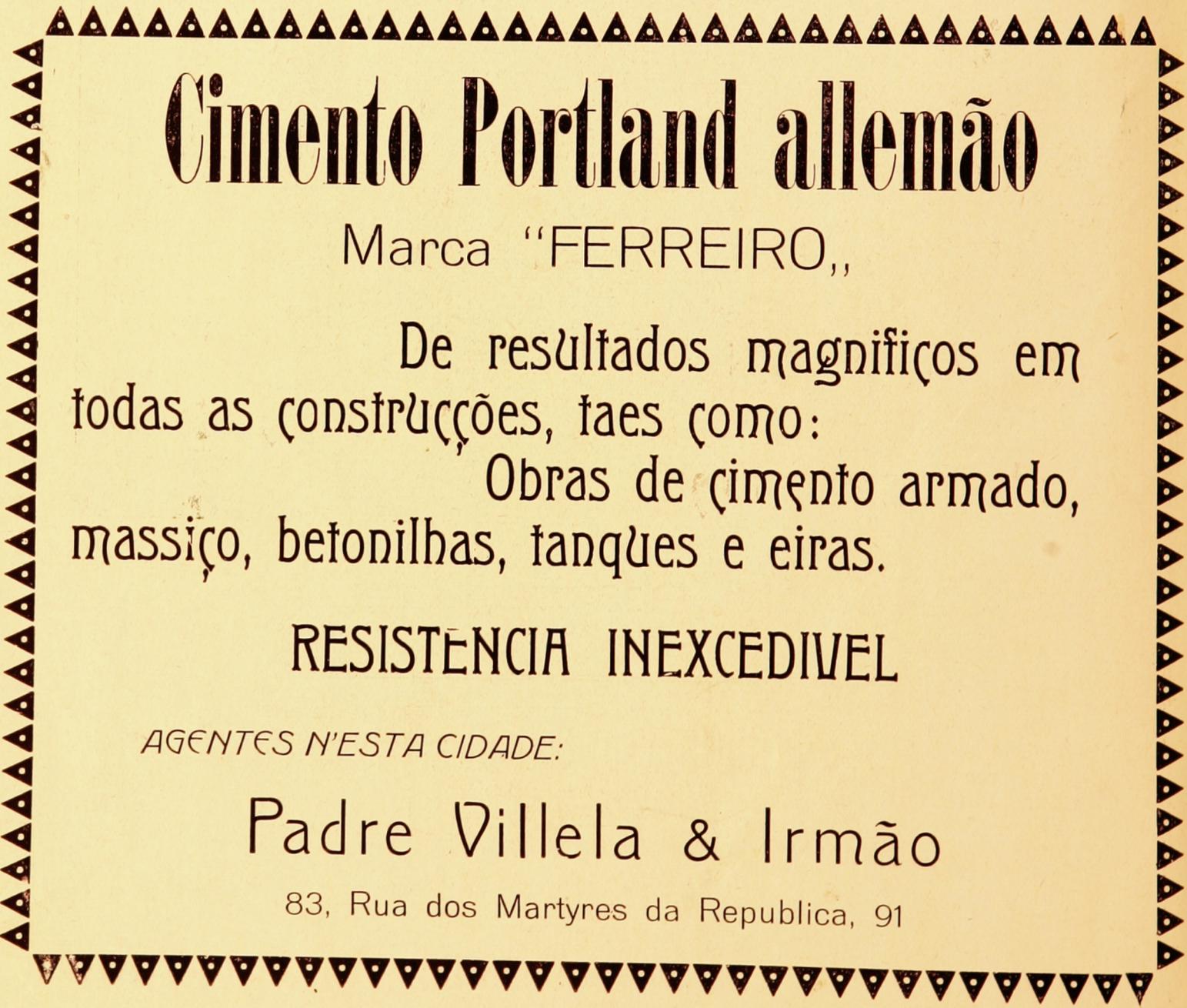
Só os tem quem quer!

O callicida Dias faz cahir os callos por mais antigos que sejam. E' a melhor descoberta da actualidade porque os tira pela raiz.

Preço, pelo correio, 25 centavos. Restitue-se o dinheiro a quem provar a fallibilidade.

Pedidos a Manuel Joaquim Dias—CALDELLAS

---



## Cimento Portland alemão

Marca "FERREIRO,,

De resultados magnificos em todas as construcções, taes como:

Obras de cimento armado, massiço, betonilhas, tanques e eiras.

RESISTENCIA INEXCEDIVEL

AGENTES N'ESTA CIDADE:

Padre Villela & Irmão

83, Rua dos Martyres da Republica, 91



# ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela.

Director, Dr. F. de Sousa Gomes Velloso

EDITOR

Antonio José de Carvalho.

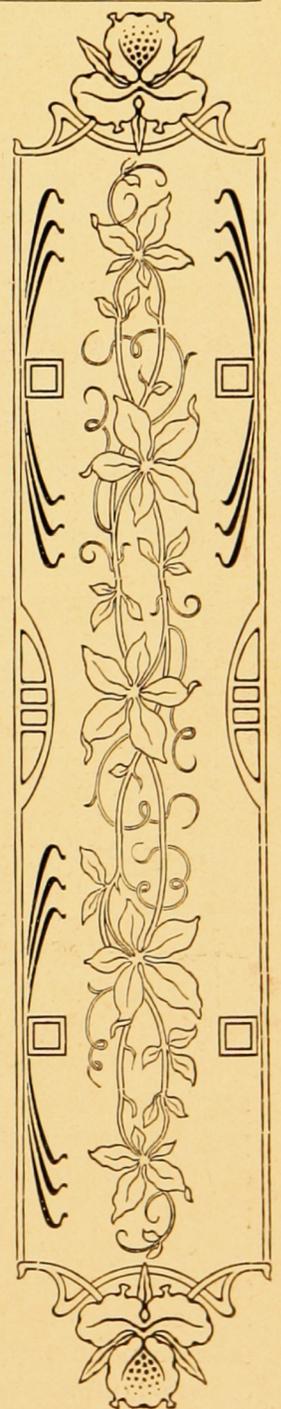
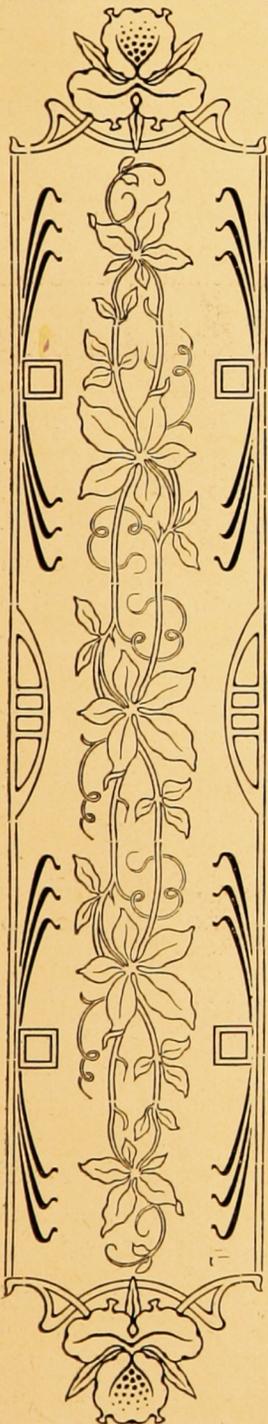
ADMINISTRADOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 25 de julho de 1914

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA  
83, R. dos Martyres da Republica, 91  
Não se restituem os originaes

Numero 56—Anno II



**CORAÇÃO DE JESUS**

(Esculptura de João Evangelista Vieira, artista bracarense)

# Chronica da Semana



LVI

CONTARAM-ME que o dr. Antonio José d'Almeida, ao chegar ao hotel Francfort, no dia em que a allucinada gente do radicalismo portuense lhe lançou os mais violentos insultos e as diatribes mais candentes, exclamara que, apenas subisse ao poder, se dedicaria a fazer recolher a «canalha às alfurjas d'onde sahiu».

Homem de boas phrases, o chefe evolucionista definiu assim, n'estas palavras, o radical remedio á desvergonha jacobina que se regamboleia sobre o tablado da politica, arrastando o manto ennodado das realezas pôdres, empunhando o punhal afiado nos corrilhos, estadeando na face, pallida de orgias, um riso alvar de rebeldia, e mostrando nos olhos fundos a luz sinistra dos odios sem perdão. E' a demagogia que passa. E' a anarchia que avança. E' uma voz que cresce, a rebater pelas quebradas das nossas montanhas, voz em que a historia nos refere a sua inexoravel sentença sobre os nossos desatinos, e, acima de tudo, sobre a nossa complacencia e sobre a nossa apathia!

Ha, porém, alguma coisa de mais grave nos acontecimentos que assolaram na semana finda a pacatez da vida portuense, acontecimentos que, sendo a eclosão fatal d'uma ordem de coisas republicanas, dominam ainda o espirito publico, e o nosso por forma tal que sómente a elle dedicamos o espaço bem curto d'esta resenha.

Quero referir-me á tentativa d'assassinio feita sobre o chefe evolucionista n'aquella praça hoje irrisoriamente chamada da Liberdade, que tem sido theatro de vandalicas proezas da plebe.

O jacobino entrou já nas galerias da pathologia mental e é caracterisadamente um semi-alienado, cerebro com falhas enormes, suppridas por uma fé politica que simultaneamente empresta ao espirito obtuso um pensamento e ao instincto, um acicate.

O assassino politico é positivamente um doen-

te. E assim é possível determinar-se o mal que para o nosso meio representa a dominação feroz de uma tal malta de profissionaes da morte, verdadeiro cancro que deflagra a sua podridão ascorosa pelo corpo exausto e saqueado da Nação. Semi-alienado, o assassino politico não recua perante a hecatombe, desde que esta resume para elle o sacrificio supremo, de cujo horror brotará, como a renascida phenix, a regeneração da deusa humanidade, o imperio da verdade e a destruição do erro!

Nascido, como um suor de cadaver, das camadas infimas do povo, a sua mentalidade é ao mesmo tempo a de Torquemada, de José do Telhado e de Cartouche.

N'esse typo simplista do jacobino democratico ha traços de Marat elogiando aos seus juizes na Convenção os proprios crimes, e retalhos de Robespierre ao subir, cabeça erecta, olhar cego de mumia, os degraus da guilhotina.

Um estudante, assassino de um militar indiano, escrevia antes da sua execução: «Com risco de perder a estima e a sympathia dos meus velhos camaradas, eu repito que o assassinio politico não é um crime.

Todos os homens livres de preconceitos tratam o assassino politico não como criminoso, mas como um vingador da humanidade».

O assassinio politico é o fructo mais robusto e sazonado de uma escola de doutrinarismo liberal que começou por dar ás camadas inferiores o direito de intervir no governo do paiz, que só pôde ser mantido por *élites*.

... O snr. Antonio José d'Almeida, visionario de revoltas com intermittencias de conservatismo piegas, foi um dos fautores d'essa doença jacobina. Tem o mysticismo da republica. E a republica não o acceita, ou apenas o consente nas linhas da sua defeza, na situação deprimente dos generaes do Terror, — com um revolucionario civil da Carbonaria ao lado.

E' homem que dentro da republica, serve esplendidamente a campanha de destruição de Moreira d'Almeida. Pôde obter perdão, pela ineptia que revela: mas na hora solemne em que os patriotas fizerem a devida justiça, será suprimido como os outros, da vida publica. F. V.

XIII

Aventuras das palavras

III

Bacharelices

**J**Á disse, e convém repetir-lo, que não pretendo, n'estes serões, dar novidades aos sabios. Sou um curioso n'estas materias, que me ajudam a matar o tempo, a esquecer coisas que me fariam chorar, se as tivesse sempre presentes á memoria. Aliro-me aos livros... Infelizmente, a pesar

Ou de *cabalhau* como diz muita gente do povo, por brincadeira ou por corrupção...

Ora buscando no dictionario do sr. Candido de Figueiredo (o unico que possuo..., emprestado) encontro como etymo do fiel amigo o baixo latim, *baccalaureus*.

Eu respeito muito o snr. Candido de Figueiredo, obreiro indefesso da lingua patria; mas, não me convenceu o *baccalaureus*. Eu não tenho á mão o *Du Cange* para ver se no baixo latim o *baccalaureus* significou *bacalhau*, o fiel amigo... n'outros tempos. Por outro lado, o mesmo dictionario, dá-me para *bacharel*, o mesmo baixo latim *baccalaureus*, pelo francez *bachelier*. Como demonio a mesma palavra deu origem a *baicharel* e *bacalhau* é coisa que eu mesmo, conhecedor de mirabolantes aventuras de palavras, não comprehendendo. Tentou-me o problema e puz-me a investigar. Complicaram-se as cousas com a presença, em inglez, de *bachelor*, que significa ao mesmo tempo *bacharel* e *solteiro*.

Bacharel, solteiro e bacalhau — não é mau embroglio!

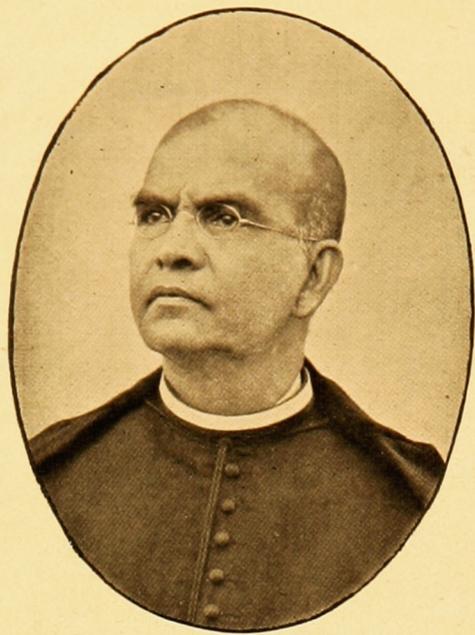
Comecemos pelo *bacharel*. Segundo a Academia hespanhola, a voz *bachiller* (bacharel) provém do latim *bacca-laurus*: corôa de louro com as suas bagas (latim *baca*); mas Rodriguez Navas, ex-presidente do circulo philologico de Madrid, nota no seu dictionario: "Convém



LISBOA — Missa por alma de S. M. a Rainha D. Maria Pia.  
Um aspecto da sahida da Igreja da Encarnação

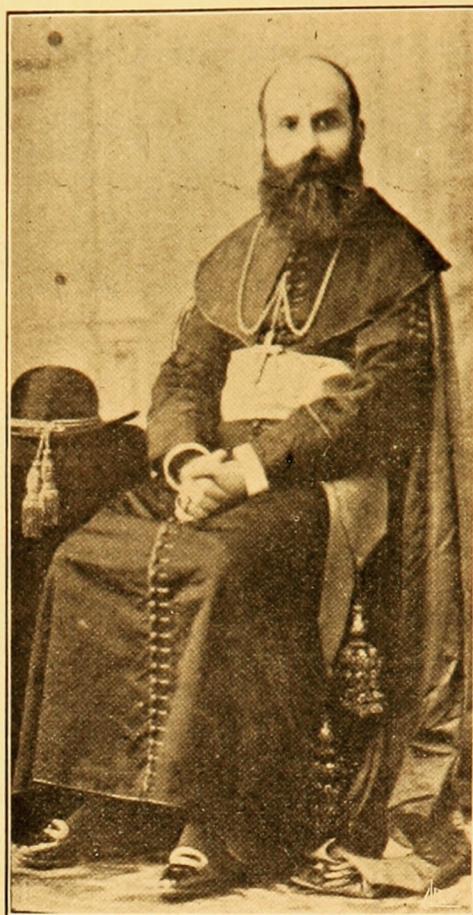
(Cliché do nosso corresp. phot. de Lisboa)

de já possuir uma menos má livraria, comprada a preço de muito sacrificio, reconheço a insufficiencia do meu arsenal linguistico, e resigno-me a percorrer, como visitante, um campo, onde talvez, em melhores condições, pudera disparatar menos que outros. E vamos ao serão, já que todos os meus projectos de estudos serios ficam em aguas de bacalhau.



*Padre Assis Braz de Sá*  
(India Portugueza)

Sacerdote muito virtuoso e illustrado que tem prestado relevantes serviços no nosso Padroado do Oriente. Ha 22 annos parcho em Nagoi tem sido sempre respeitado pela sua conducta exemplar tendo feito importantes melhoramentos na sua igreja, um dos melhores templos da India.



*D. Antonio Pedro da Costa*  
(Primeiro bispo de Damão)

Confirmado em 14 de março. Fez a entrada solenne na sua diocese em 17 de junho de 1887. Falleceu em 30 de janeiro de 1900 na freguezia de S. Nicolau de Santarem, terra da sua naturalidade.

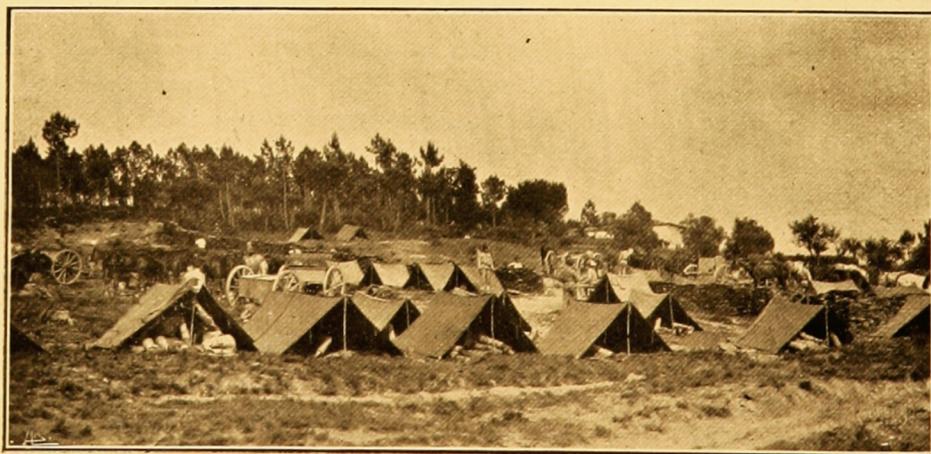
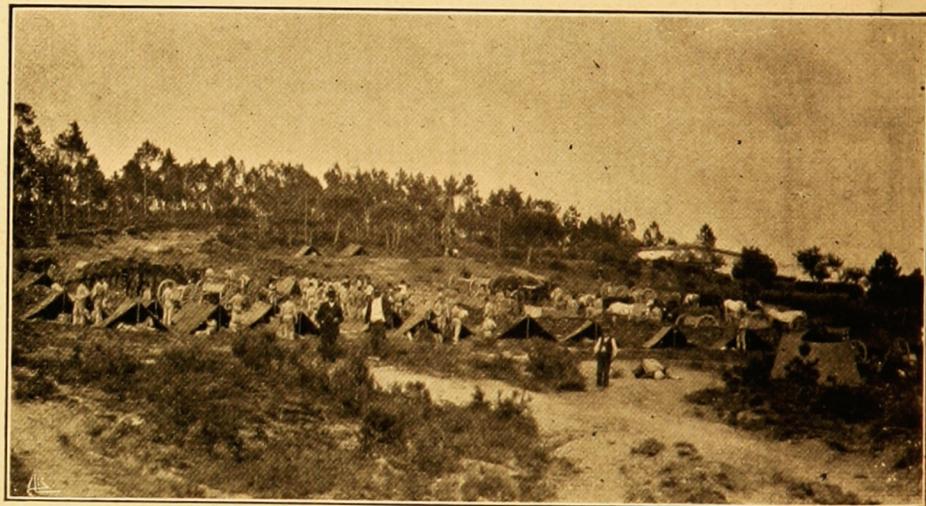


*Veneravel Padre José Vaz*  
Fundador da Congregação do Oratorio de S. Filippe Nery em Goa e inclyto Apostolo de Ceylão e do Canadá. Nasceu em Sancoale (India Portugueza) a 21 de abril de 1651 e falleceu a 16 de janeiro de 1711.

recordar que em provençal houve duas palavras parecidas, *bacalar* e *bacallier* e que esta ultima significava propriamente *baschevalier*: ou joven noble; d'aquella (*baccalaurus*) derivou em francez *baccalaureat* ou triumpho em certamen, e da segunda *bachelierat* ou dignidade do joven noble que por sua pobreza não podia levantar bandeira propria.. Este, como se vê, não envolve na contenda o *fiel amigo*.

Atravessei os Pyreus e fui buscar a França alguma luz para o debate. *Stappers*, resumindo os melhores dictionarios francezes, vae buscar ao celta a origem do bacharel: Celta: *bach*: pequeno, joven, antigo francez: *bacel*, *bachelle*, wallão (e agora que vivo na Wallonia attesto que o oiço a cada passo): *Lâcelle*:

menina, creada; *baceller*: faire l'amour, começar a aprendizagem; *bachelette* (outr'ora) menina; *bachelier*, joven cavalleiro, depois: estudante; em ultimo lugar synonymo de solteiro; baixo latim; *baccalarius*. Co-



Os exercicios de artilharia 5  
no Monte Redondo (S.  
Martinho do Campo —  
Vallongo)

1 — Aspecto geral do acampamento.

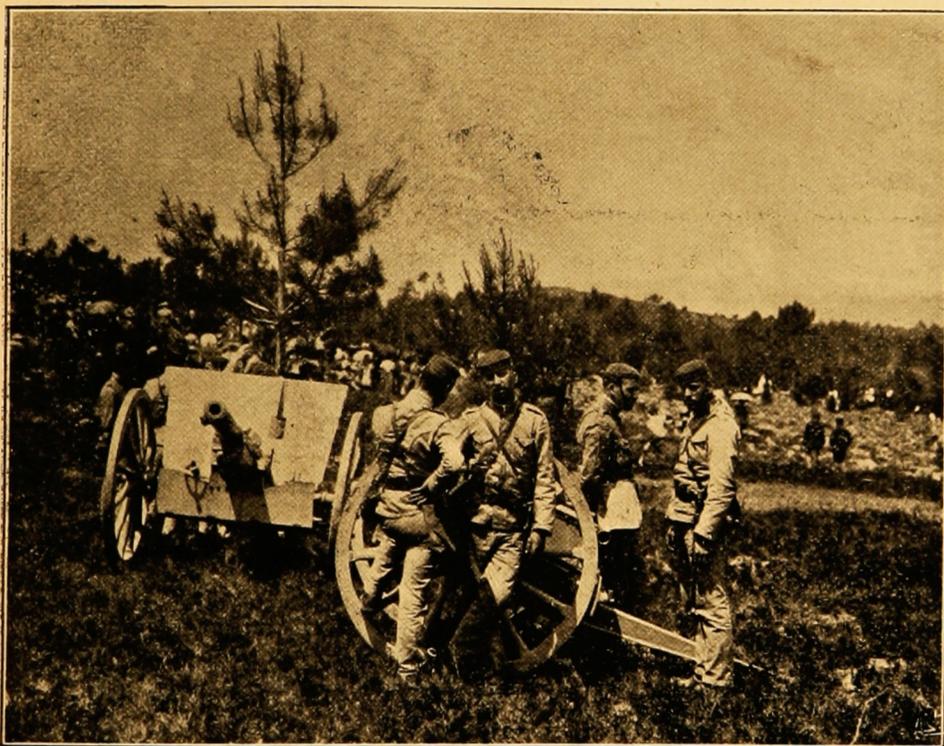
2 — Vista parcial do acampamento.

mo termo de escola foi mais tarde latinizado e transformado em *baccalaureus*, d'onde o substantivo *baccalaureat*, bacharelato,, Este tambem não traz á baila o bacalhau!

Atravessei os Alpes pelo Monte Cenis, e perguntei na Italia que novidades me davam do *bacharel*. Ai, Paesinho do ceu, que avalanche de opiniões! Em italiano, *bacalare*, ou *baccalare*, forma primitiva de *bacelliere*: bacharel, além de ter, como em portuguez, o sentido jocoso, applica-se tambem as pessoas de ideias pouco sãs em materia religiosa, incredulas, como eram talvez, ou mostravam



OS EXERCICIOS DE ARTILHARIA 5 — *Em descanso*



*A' espera da voz do commando*

dez, *bacal*; ou do provençal *bacel*, bastão, que provavelmente se entregava como emblema de grau, pelo que se chamou tambem *bacularius* o novo investido.

E, com effeito, primeiramente chamou-se em França *baccalarius* o proprietario investido na posse de vastos dominios e tambem o joven nobre que dava o primeiro passo na carreira das armas e da cavallaria, recebendo o cingulo militar e occupava o lugar medio entre o donzel e o cavalleiro; mas, o sentido de joven investido parece a alguns levar ao celta *bach* joven, e propriamente *pequeno*. Mais: os fautores d'esta etymologia propendem a crêr que o vocabulo res-

ser, os bachareis de outr'ora. Mas Zambaldi, seguindo outra opinião, explica este ultimo sentido, com a voz *baccalá* (bacalhau) dizendo que *bacalare* é aquelle em quem a agua salgada do baptismo não produziu outro effeito além d'aquelle que o sal produz no bacalhau! Quanto á forma *bacelliere*, (bacharel) transcrevo a Pianigiani, *bacharel*: do baixo latim *baccalarius*, *baccalaris* e *baccalareus*, formado, segundo alguns auctores, do latim *baculus*, sob a influencia do correspondente celta: *gaelico*, *bachall*; irlan-

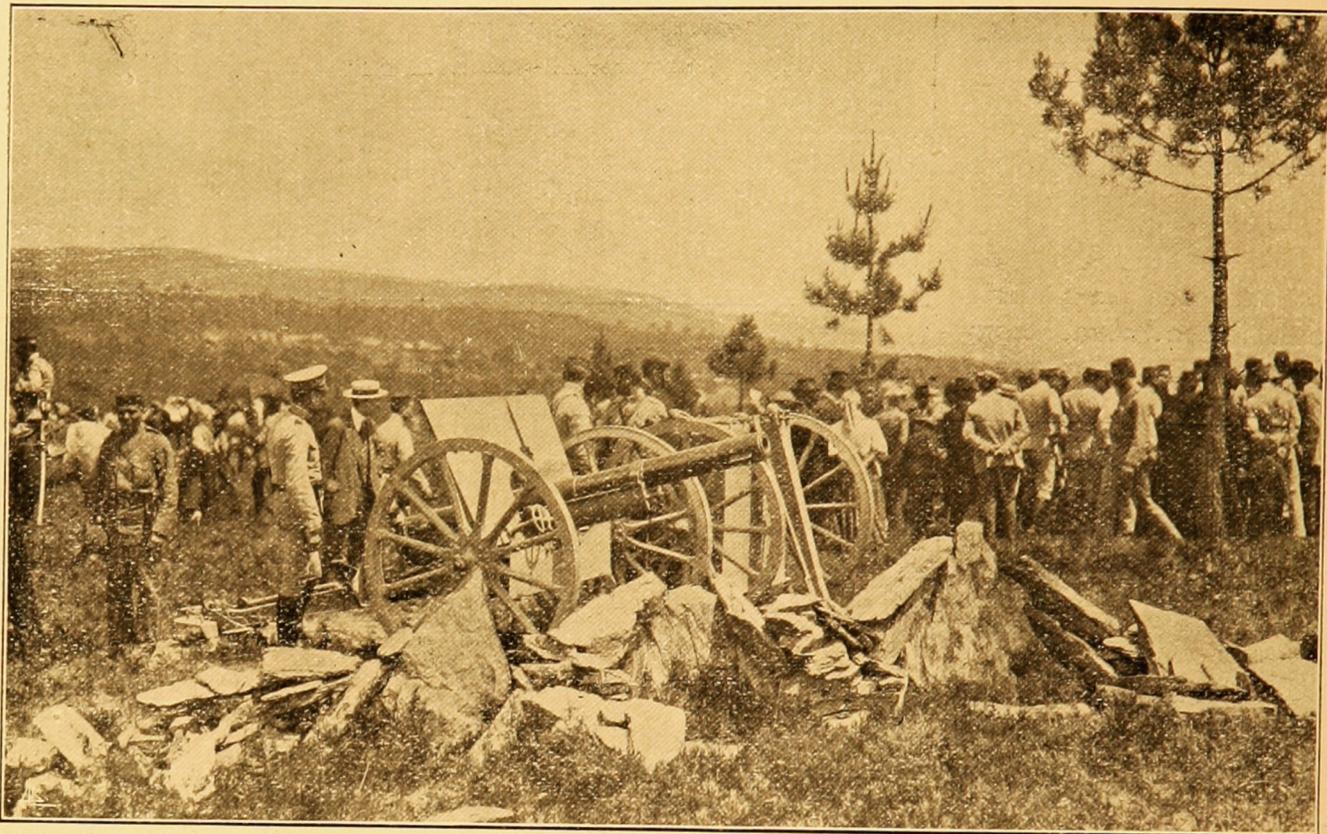


*Fazendo fogo*

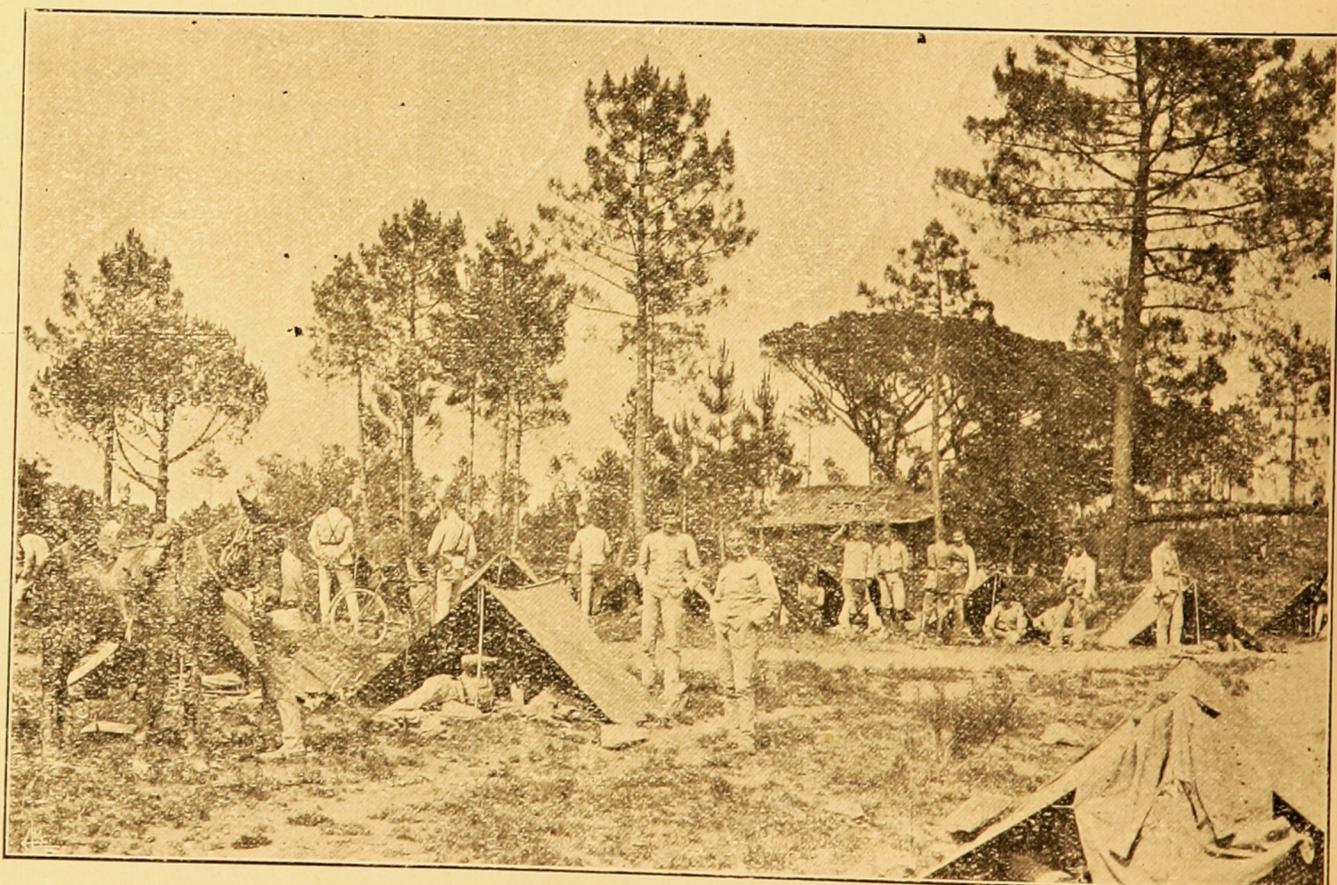
soasse cedo nos claustros, com o sentido de *noviço*, e citam como prova uma chronica do seculo XI, escripta por Raul de Glaber, monge de S. Benigno de Dijon, e antigas poesias francezas, onde a palavra *bachelier* parece usada no sentido de joven, como *bachelotte* no de menina. N'este caso, parece que bacharel, do significado generico de joven, passou ao de *noviço* de ordem religiosa, depois applicou-se

âquelle que obtinha o primeiro grau em qual-quer sciencia ou que deixava de ser estudante e ia tomar o grau de doutor (*laurea*)..., no qual sentido se usava de preferencia a forma *baccalaures*, *baccalauri*, subentendido *cincus*, isto é: cingido de bagas de louro, alludindo á cerimonia solemne da collação do grau,—e que por fim, foi usurpado pela cavallaria.»

A questão está cada vez mais bicuda!



OS EXERCICIOS DE ARTILHARIA 5 — O povo no local das manobras



A' espera do rancho

(Clichês do phot. am. snr. Alvaro Guimarães)

Apura-se, até aqui, que o nosso bacharel pode vir de pau: *baculus*, de joven: *bac* e de baga de loureiro, *bacca-lauri*. Isto quanto á forma—e deixando, por ora, o bacalhau do Zambaldi e do snr. Candido de Figueiredo. Quanto ao significado, vê-se que tem sido *noviço* monastico, *graduado* academico e de ordem cavalleiresca, *incredulo* e *fallador*. Resta a signifição de *solteiro* que tem em inglez ao lado da de graduado universitario. Nos dictionarios inglezes, ao lado das opiniões já citadas, surdenos mais esta: segundo Brachet vem do baixo latim *baccalarius*, creado rural, originariamente



Conselheiro Augusto da Cunha Pimentel  
Meretissimo Juiz do Supremo Tribunal de Justiça fallecido  
em 4 do corrente

uma manada de vaccas, de *baccalia*: manada de vaccas, e este de *bacca*, baixo latim em vez de *vacca*. Bacalhau já nós tinhamos; agora vem leite. Já não falta tudo, louvado seja o Senhor! Mas que tem que ver os vaqueiros com os bachareis?

Ora o que me a mim interessa notar é que,



VINHÓS (Fafe) — Altar da igreja parochial  
no dia da festa das Congregações  
Marianas

Devido aos incansaveis esforços do nosso amigo snr. padre Adolpho de Meyrelles, parcho de Vinhós, o fecundo labor das associações de piedade tem elevado a um grau superior a religiosidade da freguezia, de cuja festa hoje publicamos esses aspectos.



VINHÓS (Fafe)—A orchestra de amadores que executou um religioso programma musical no dia da festa, com o rev. padre Adolpho de Meyrelles

de fóra posta a piada do baptismo, o bacalhau não entra na arvore genealogica do bacharel nem á quinta facada. Por outro lado, o snr. Candido de Figueiredo, trabalhador tão benemerito como illustre e honesto, não me ia inventar aquelle parentesco do bacalhau com os bachareis! O já citado Navas, diz do *bacalao* hespanhol: «Do ibero-celta *bachall*, pau ou ripa onde se punha a seccar o peixe para o conservar; em hollandez ha *kabelgau*: bacalhau.»

Aqui, aqui é que me parece que está a verdade, quanto ao bacalhau. Vejamos:

Em hollandez não ha *kabelgau*, mas sim o *kabeljauw*. Tenho aqui o *Beknopt Etymologisch Woordenboek der Nederlandsche Taal*, de Vercoullie, que por ser da terra do *kabeljau* merece ouvido: *kabeljauw*, feminino, o mesmo que o alto allemão *kabeljau*; dinamarquez, idem; sueco, *kabeljo*, com a significação de *stockfish*, do russo: *kobljuch*: pau, do hollandez o francez *cabillaud*, do qual o vasconço *bacallaoa*, do qual, de novo, *bakkeljauw*.

O que elle não diz, e muito nos importa notar, é que em francez a par de *cabillaud*, ha *cabliau*, *gabillaud* e *bacaliav*, especie de bacalhau sec-



BOM JESUS DO MONTE — Um grupo de visitantes da encantadora estancia



BOM JESUS DO MONTE — Descançando, depois de um bello passeio pelo parque

(Clichês do phot. cm. snr. Manuel da Silva Isidoro)

co. Portanto, sem investigar onde se deu a passagem de *kabeljauw* para *bakkeljau* (*cabelliau* — *bacaliau*: CABALHAU — bacalhau), e tendo presente que o bacalhau nos vem dos mares do norte, não é muito crível que o *bacca-laureus*, pae presumptivo do bacharel, tenha afinidades com o *fiel amigo*.

Noto ainda que o dicionarista hollandez nos diz que o sueco *kabeljo* tem a significação de *stockfish*. Ora o *stockfish* (bacalhau secco) decompõe-se em *fish* — peixe e *stock* pau (cfr *estoque* e *estaca*), chamando-se assim ao bacalhau já por ser duro como pau, já por ser posto a seccar em paus, como queria o Navas, que se não lembrou de que assim como nós lhe

chamamos *fiel amigo*, os seus compatriotas lhe chamam *pez de palo*... como os russos, segundo vimos na citação do dicionarista hollandez.

Muito, mas muito poderia ainda dizer sobre bacalhaus e bachareis; mas isto basta, por hoje, ao meu intento, que era accentuar bem que, sem pretender ensinar ninguém, porque não tive a sorte de poder aprender, vou viajando, com paixão de andarilho, pelos vastos mares da linguistica, procurando divertir-me e divertir os outros.

No proximo serão voltaremos ao bacalhau...

ARTHUR BIVAR.



General Luiz Pinto de Mesquita Carvalho

Nasceu na casa de Cahide de Rey, do concelho de Villa Verde, a 24 de junho de 1830 e falleceu em Lisboa a 23 de março de 1913

# VIDA INTENSA

(PAGINAS D'ALEM FRONTEIRAS)

**D**EIXEMOS, por agora, a Inglaterra com a sua desgraça e voltemo-nos para o verão que triumphava tardio das caramunhas chuvosas da primavera. O calor chegou, enfim, accendendo o entusiasmo da paisagem estival, illuminada, ardente, como um quadro bizarro de Malhõa. O sol explende, anima, esbrasea, em ondas de luz, na planura oceanica das searas e na curva rendilhada dos arvoredos sombrios. E' o sol alegre das romarias, o sol que pirracêa, atravez da renda das folhas, com a delicia discreta das sombras acolhedoras, na curva dos caminhos e na borda dos rios, no fundo immenso dos valles e ao lado das frontes religiosas e soffredoras na sua musica discreta, que vem, bizarro, pôr na bocca escancarada da vida o riso esplendente da fartura. A primavera vestiu os montes e os valles; o sol do verão vae aureola-los de luz.



*ENTRE-OS-RIOS—Visita da familia Pereira Mendes e Mendes Ribeiro, de Guimarães, ao snr. Francisco Martins Fernandes e suas gentis filhas*

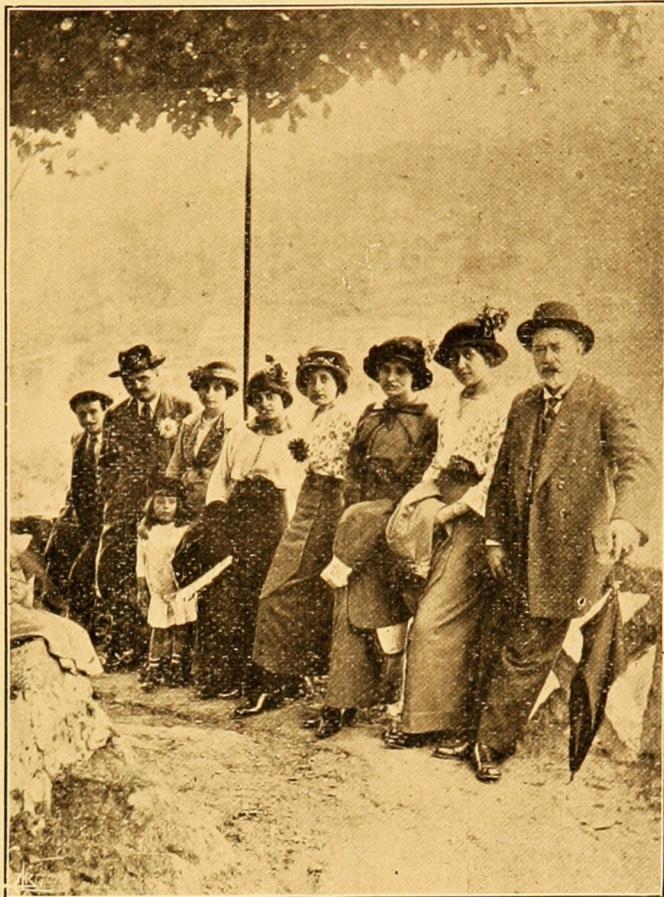
Na aza d'ouro dos trigos, que se agitam inquietos, e na corolla ardente das flores, que reabrem garrulas, o sol deixa essa poalha d'ouro, que volatilisa e eleva a luz da paisagem, attrahe toda a côr que logo reparte discreta, pelas arvores que tem o gesto piedoso da sombra, pelas flores d'onde se evola a essencia fecunda do verão, que perfuma o halito dos dias. E' a epocha da fartura e da grandeza, do esplendor, do triumpho, dando â paisagem essa luz unica, que por si propria insufla vida, muito embora seja tantas vezes razão de desgraça e de morte, que o sol magnanimo tambem com todo o seu esplendor, abraza, suffoca, calcina e mata mas sempre



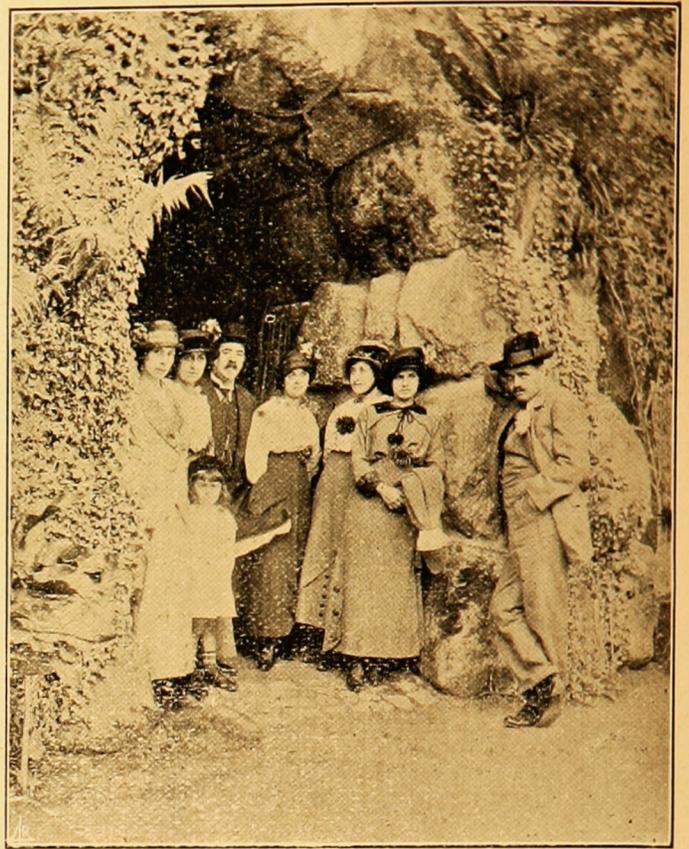
sahe triumphante, como aquellas adoraveis mulheres que a desgraça empurra para o crime e que o nosso entusiasmo se obstina a vêr ainda intangiveis e puras.

E como n'essas lindas mãos arrocheadas de veias decorativas, jamais queremos vêr as manchas do crime, jamais tambem n'aquelles raios de luz, que fecundam e matam, poderemos encontrar vestigios da desgraça e da catastrophe, muito embora á sua luz estejamos a

110



ENTRE-OS-RIOS—Na Quinta das Granjas



ENTRE-OS-RIOS—Na gruta da Quinta das Granjas

ler nas columnas do nosso jornal, o relato frio das primeiras insolações.

È, a cantar o sol, que hoje por vez primeira me appareceu, eu esquecia as convulsões politicas que resolvem a unidade ingleza ou o destino incerto d'esse loiro principe allemão, que sobre um throno a desfazer-se, tem apenas a ampara-lo a sympathia da sua desgraça e que por um gesto d'elegancia moral, se mantem ainda sobre os escombros d'uma realeza ephemera, a carregar com o pezo de uma corôa que só lhe deu a grandeza da desgraça e que lhe repugna já.

Pobre Guilherme de Wied, a tua causa é hoje, infelizmente, uma causa mercenaria. A esperanza das hostes aguerridas do principe de Bid, diluiram-se com o ultimo saque ao erario exaustivo. Os seis mil rumenos que a Rainha desvairada, sollicitou do tio, vão ser simplesmente o prolongamento da tortura... Essed-Pachá está terrivelmente vingado, porque o principe de Wied, a quem o Kaiser empurra ainda, —ferindo o brio proprio de soldado e fazendo-o expor nas avançadas — já não defende a corôa a que mente a sua farda d'official do exercito allemão...



ENTRE-OS-RIOS — Grupo de visitantes em frente ao antigo balneario dos romanos e ao Grande Hotel de S. Vicente

(Clichés de Francisco P. Mendes)

JOSÉ DE FARIA MACHADO.

# ENTRE-OS-RIOS

## Triste recordação



nhamos supportado o dominio d'um calor excepcional,

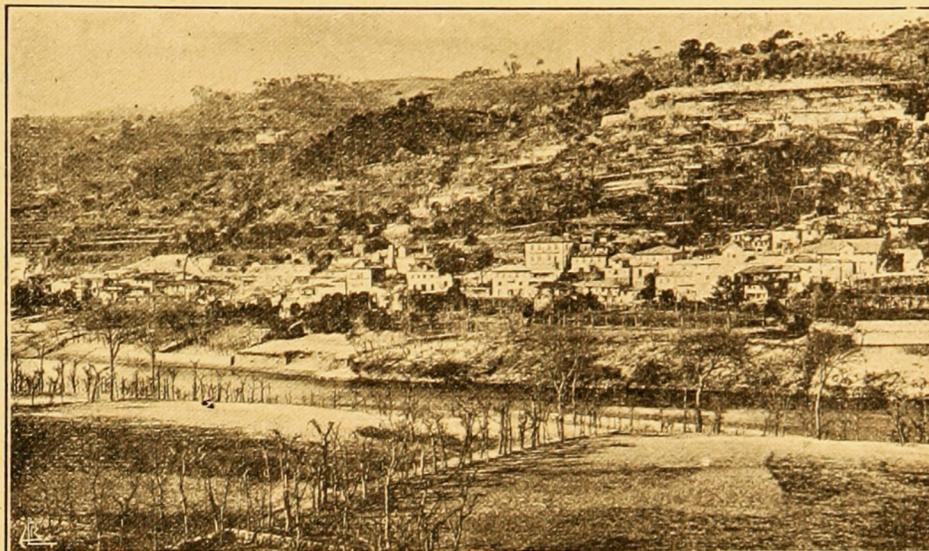
Emquanto as lavadeiras cantavam, batendo a roupa nos penedos do Tamega, coagulava-se o Douro de vellas e de rapazitos que se entre-



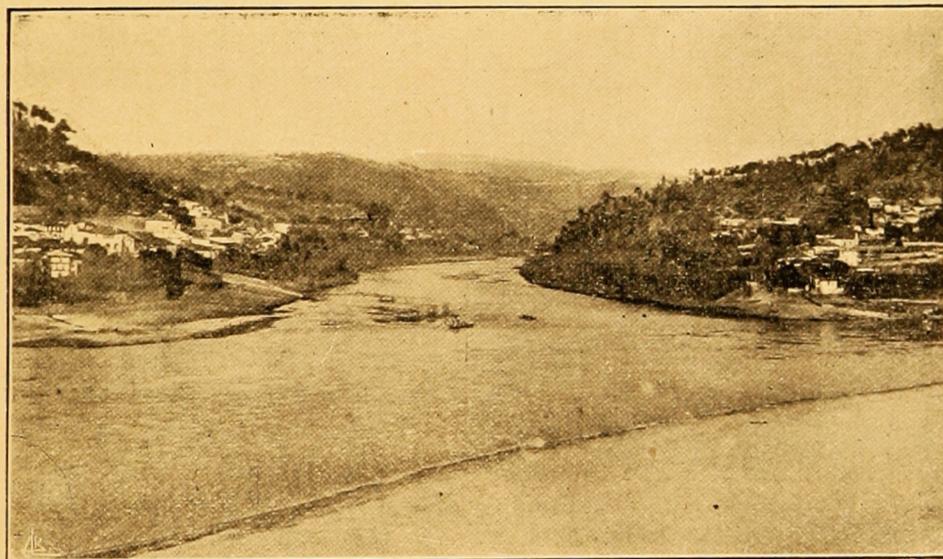
a povoação de Entre-os-Rios um dos logares mais poeticos do nosso pequeno mas formoso Portugal.

O tom sombrio do Douro e do Tamega casa-se com o aspecto magestoso dos montes que, encadeando-se, quasi circumdam o povoado, indo morrer ao longe, semelhantes a um tenue veu de fumo.

A belleza da paisagem convida á meditação; e sentimo-nos como arrebatados a um mundo desconhecido, ao



ENTRE-OS-RIOS — Vista geral



ENTRE-OS-RIOS — Foz do Tamega

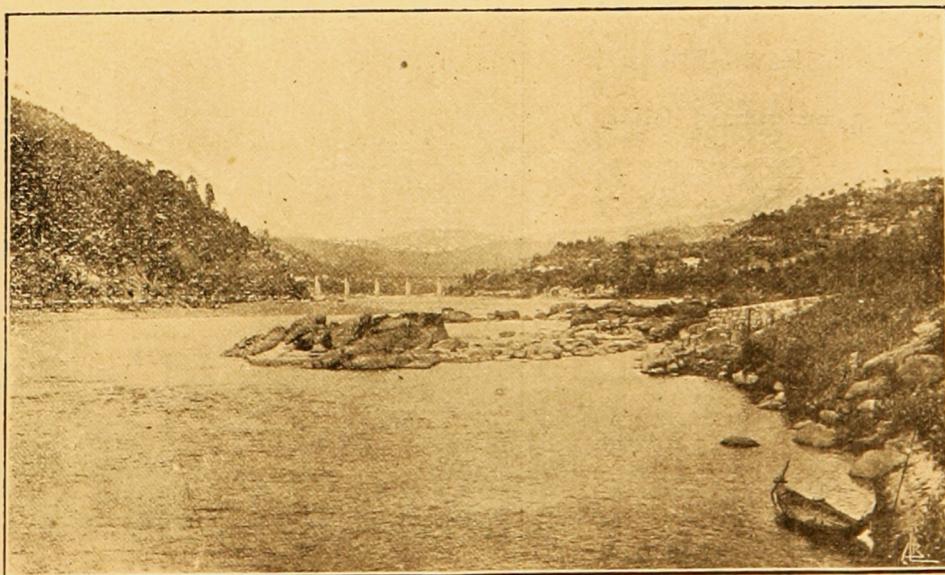
tinham a nadar. Fui brusca-mente arrancada á minha contemplação, por gritos lancinantes que se elevavam do areal. Corria gente, fazendo perguntas e commentarios, emquanto alguns homens se mettiam na agua, procurando salvar, d'uma horrorosa morte, um pequeno banhista que, levado pela corrente e já exausto de forças, se submergiu, sem que os companheiros podessem socorre-lo.

Depois de muito trabalho e quando já não havia esperança de o salvar, lançaram

escutarmos, silenciosos, o doce murmurio das aguas, que deslisam, suavemente, como penitentes em mistica peregrinação . . . . .

O sol, que para baixar ao seu leito já se havia despedido das montanhas, lançava ainda um derradeiro olhar sobre uma que mais longe se destacava. A côr rosea do horizonte esbatia-se artisticamente, tornando-se impossivel precisar o seu limite.

Empoava-se o azul da atmospheria. Estavamos no fim de Julho, e durante o dia ti-

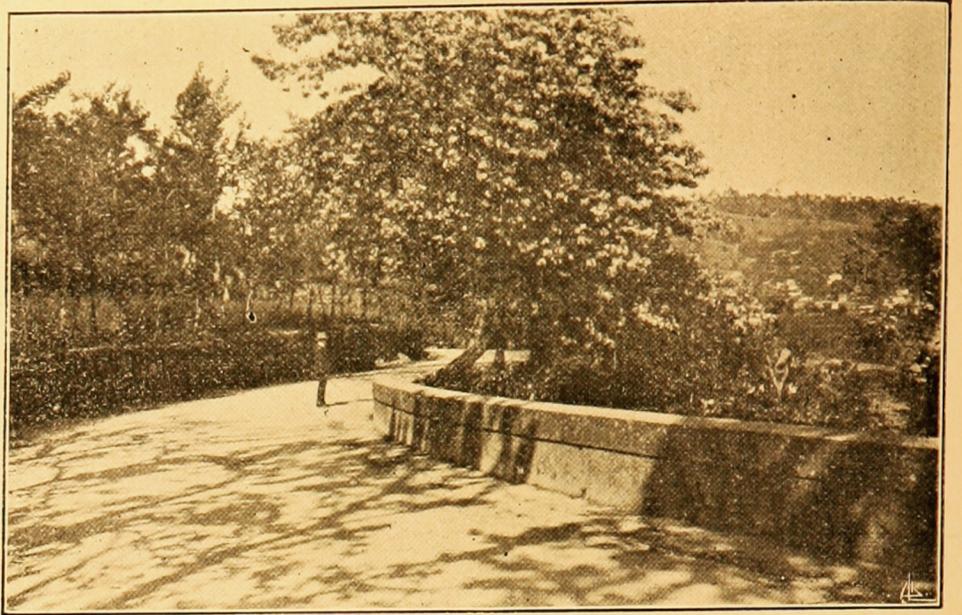


ENTRE-OS-RIOS — Pedras de Linhares

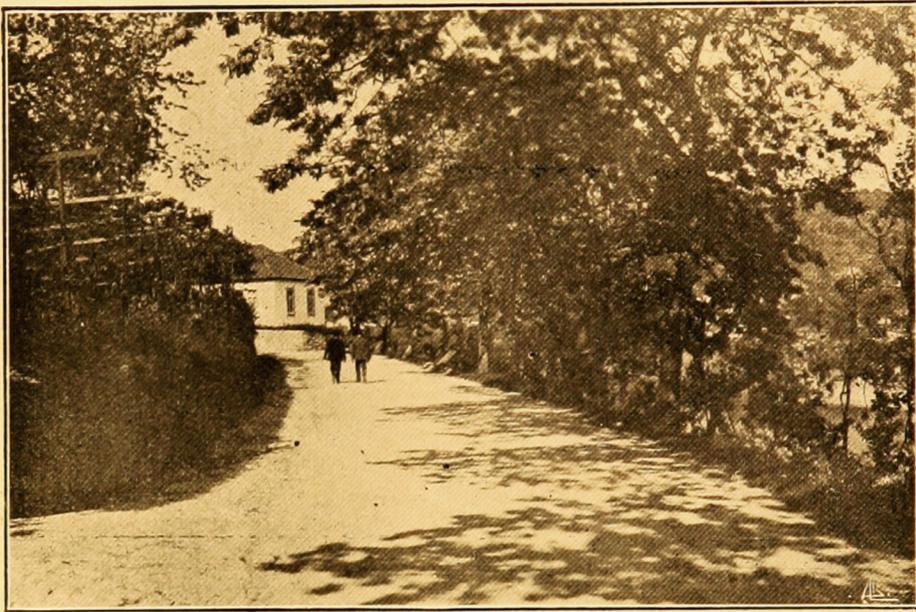
uma rede em que, passado tempo, conseguiram traze-lo para terra.

Redobrou o clamor. — «Ainda vive!» — gritou alguém.

.....  
E' noite. O areal está deserto. Não se ouve mais que o leve rumor da agua. E, n'uma tosca e pequena casa, agglomeram-se, a ponto de se não poderem mover, as mulheres e as creanças, soluçando e procurando por todos os meios ao seu alcance reanimar o corpo inerte do desditoso que, quando retira-



ENTRE-OS-RIOS — *Um aspecto da estrada*

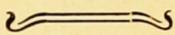


ENTRE-OS-RIOS — *Outro aspecto da estrada*

do do rio, já não era mais que um cadaver.

Braga.

ELVIRA NEVES PEREIRA.



## Fastos do Catholicismo

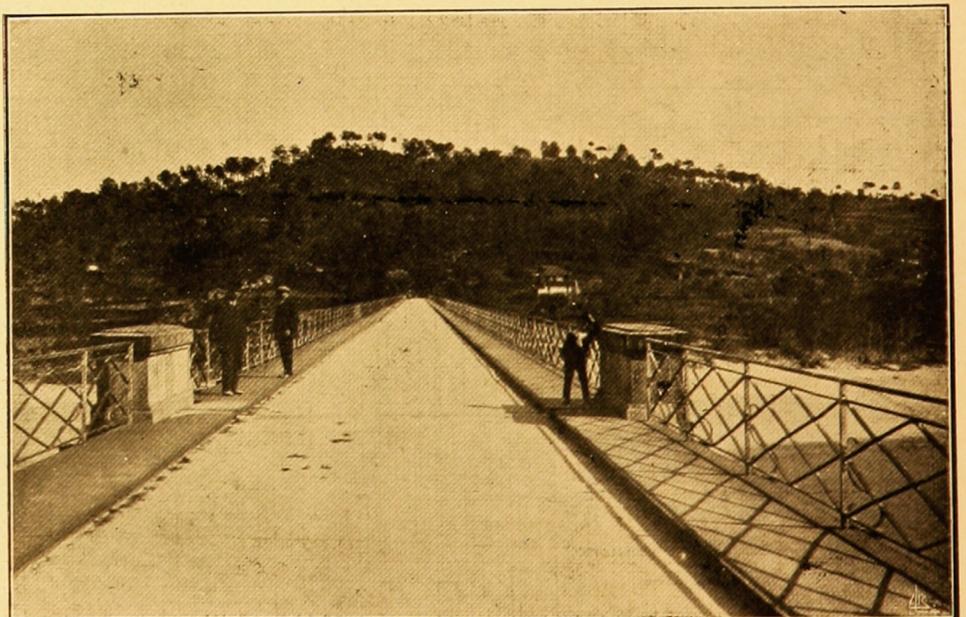
○○○

O Salutaris Hostia!

Está reunido em Lourdes o XXV Congresso Eucharístico Internacional. A selecta assistencia de 200 cardeaes, arcebispos e bispos que concorreram á cidade da Immaculada, com innumeravel co-

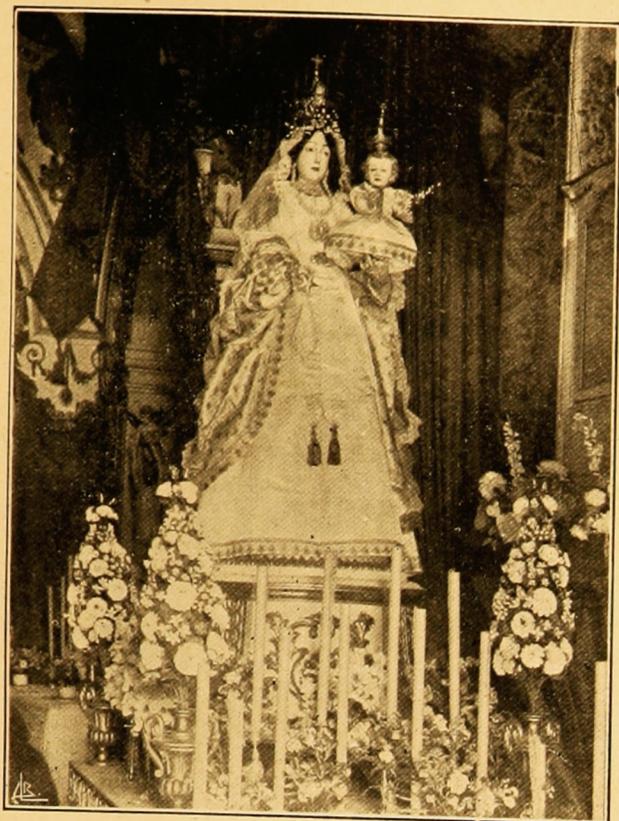
horte de sacerdotes e fieis, o esplendor das festas que serão celebradas e sobre tudo isso a importancia das theses que se vão tratar, fazem do Congresso Eucharístico, com a circumstancia de celebrar as *bodas de prata* d'essa obra, a mais memoravel de taes reuniões.

Foi Mons. de Segur, e outros piedosos varões, quem celebrou na cidade de Lille, onde o apostolo da Eucharistia exercia o munus episcopal, o primeiro Congresso Eucharístico, iniciando em 1881 a obra de taes reuniões, logo abençoada por Leão XIII de santa memoria.



ENTRE-OS-RIOS — *A Ponte*

(Clic'ês do dist. phot. am. snr. Augusto Chaim)

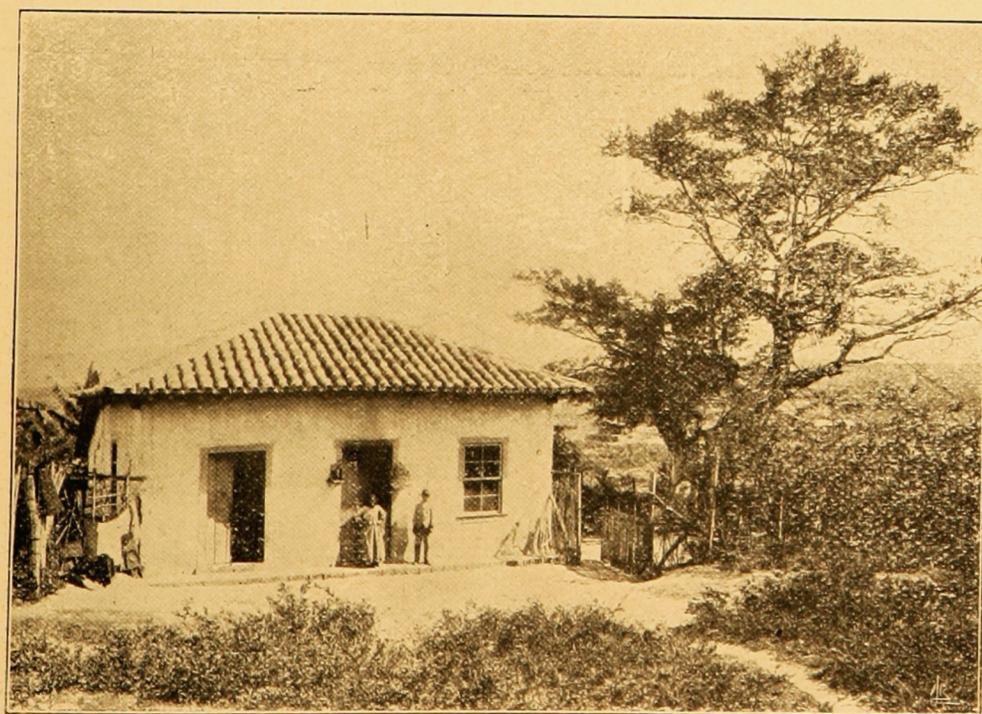


VIANNA DO CASTELLO — *Egreja das Almas. O andor de Nossa Senhora da Guia no dia da festa*

(Cliché do phot. am. snr. Domingos Roriz)

Desde então celebraram-se annualmente em Avinhão, Lieja, Tolosa, Antuerpia, Paris, Friburgo, Bruxellas, Jerusalem, Reims, Paray-le-Monial, Lourdes, Angers, Namur, Angulema, Roma, Veneza, Metz, Londres, Colonia, Montreal, Madrid, Malta, Vienna, e agora finalmente em Lourdes.

O renascimento catholico faz convergir para



ARRABALDES DE S. PAULO (*Ipiranga*)

Casa em que D. Pedro I descançava e onde foi proclamada a Independencia do Brazil

a Eucharistia a attenção de todos os povos. E' que Jesus Sacramentado é o sol da Igreja, a sua invencivel fortaleza.

## A "Illustração Catholica,, no Brazil

□□□

Entre os personagens mais distinctos de Manaus, destaca-se o dr. Virgilio Ramos, que a a este terra tem prestado grandes e assignalados serviços.

Senador estadual, director do Asylo de Mendicidade e chefe da clinica do Hospital da Santa Casa, em qualquer dos cargos que occupa, o



*Dr. Virgilio Ramos*

dr. Virgilio Ramos sabe dar provas do seu valor e das suas primorosas qualidades de caracter.

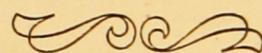
Se pela sua intelligencia se tem salientado na politica do seu paiz, pelo seu coração tem-se revelado um espirito esclarecido, recto e cheio de bondade no modo como desempenha as funcções de director do Asylo de Mendicidade e chefe da clinica do Hospital da Santa Casa.

Os pobres tem n'elle um pae; e assim o estimam e consideram. Não ha dôr que elle não conforte, nem lagrimas que não enxugue; para todos tem palavras de consolação e carinho, e sorrisos de verdadeira bondade.

Muito lhe deve a caridade; muito ha feito em favor da desventura.

Porisso o seu nome é abençoado pelos seus protegidos, respeitado e querido pelos seus numerosos amigos, que os conta em todas as classes.

Homens d'estes, honram o seu paiz e a causa a que se dedicam.



# Vianna do Castello-“Sport Club Viannense,,

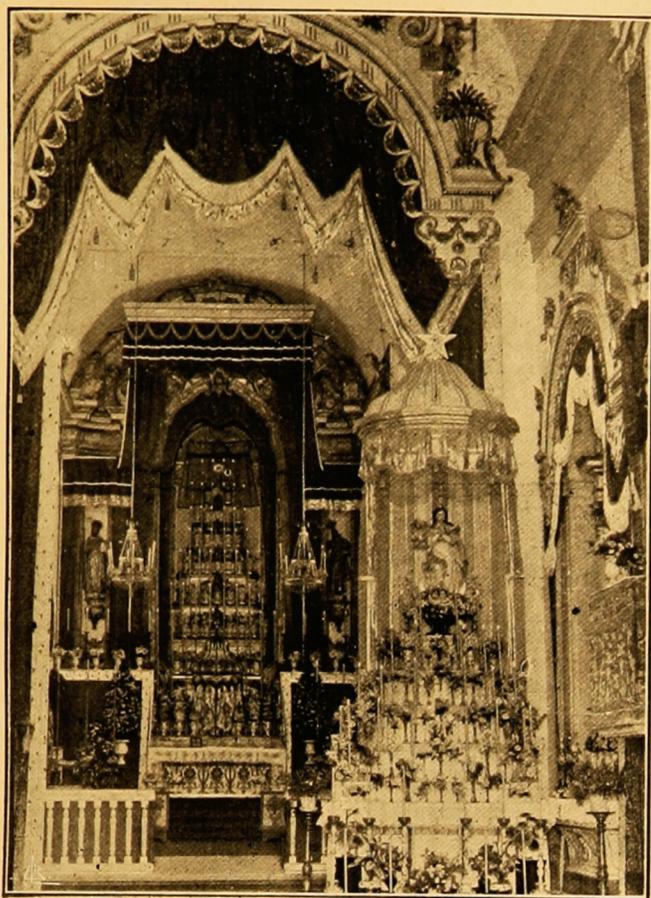


*Grupo dos socios do “Sport Club Viannense,, que tomaram parte no passeio official á montanha de Santa Luzia*

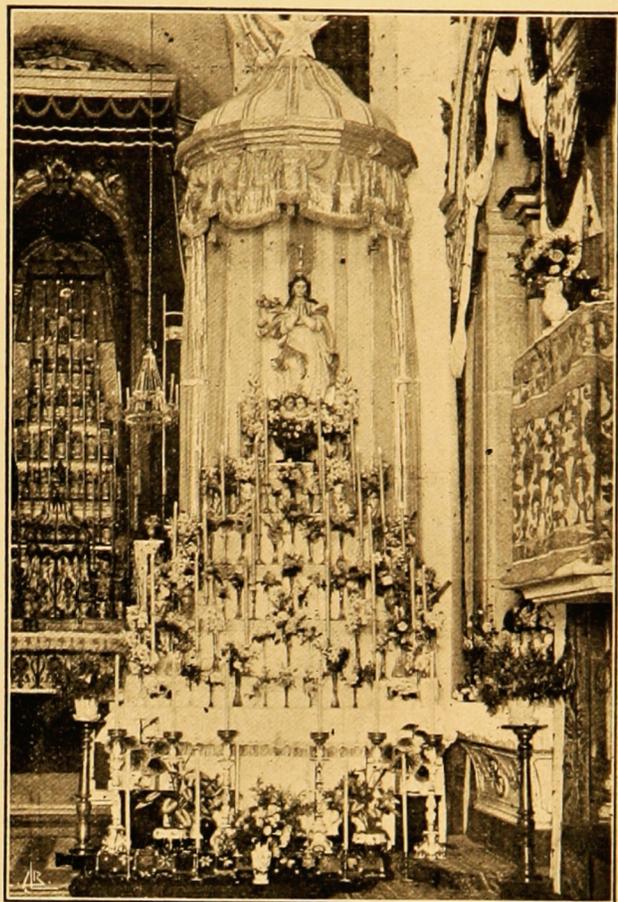


*Os socios do “Sport Club Viannense,, na montanha de Santa Luzia.  
Um aspecto da meza de jantar*

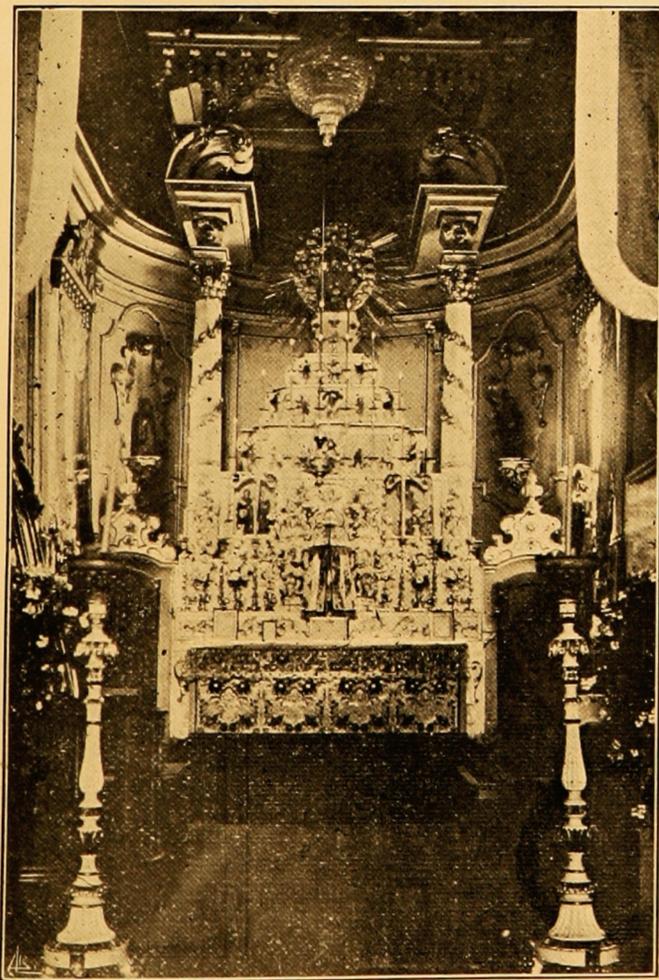
(Clichés do phot. am. sr. Manuel Affonso)



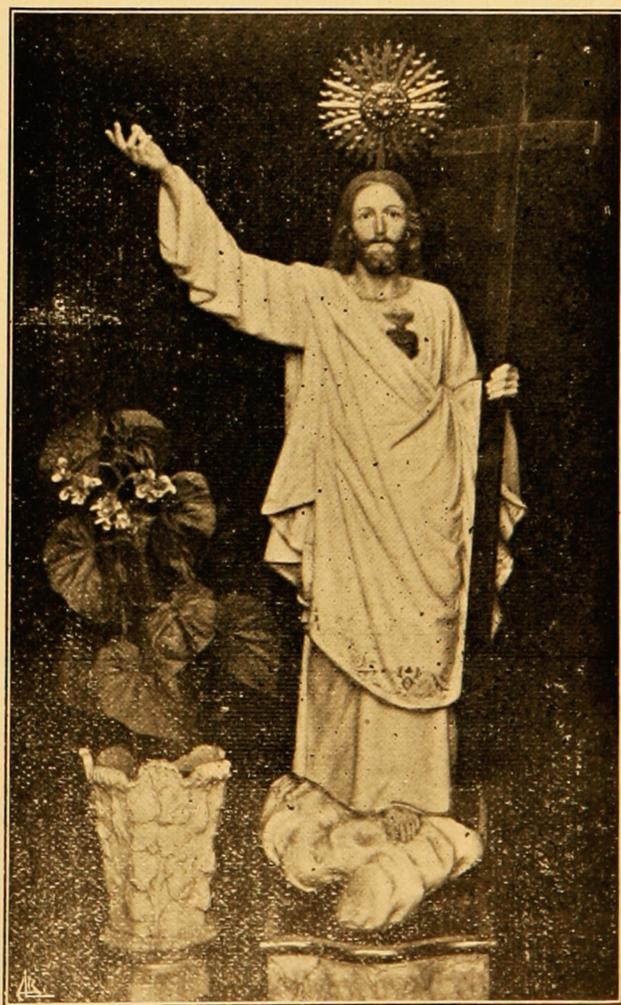
*VIANNA DO CASTELLO — O interior da  
egreja da Ordem Terceira de S. Francisco no dia  
da festa de Santo Ivo e conclusão do  
Mez de Maria*



*VIANNA DO CASTELLO — O altar de  
N. Senhora na mesma festividade*  
(Clichés do phot. am. snr. Domingos Roriz)



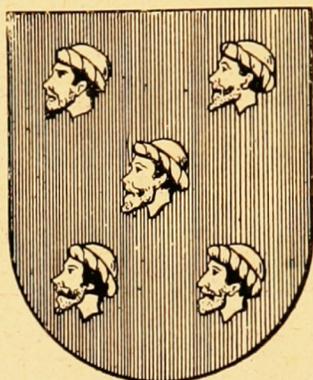
*PAÇOS DE BRANDÃO — O altar-mór da  
egreja parochial no dia da festa do  
SS. Coração de Jesus*



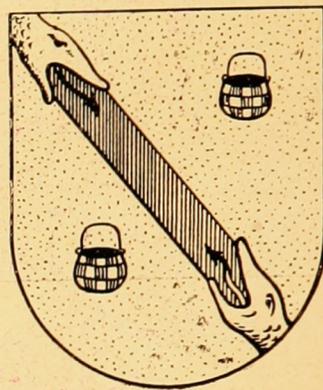
*PAÇOS DE BRANDÃO — Imagem do  
SS. C. de Jesus que se venera na egreja parochial*  
(Clichés do phot. am. snr. Antonio d'O. Maia)

# ARMARIA PORTUGUEZA

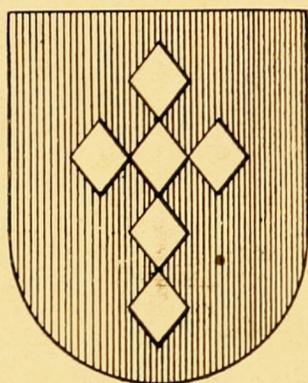
Armas de cada appellido que entram na composição dos braços das casas nobres de Portugal



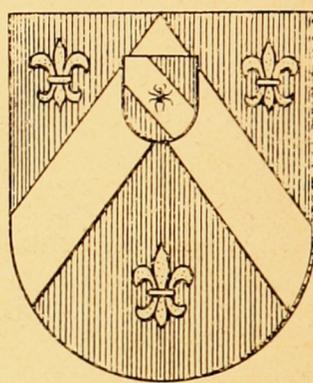
**Amorim.** — Em vermelho cinco cabeças de mouro em aspa, com turbante de prata e barbas d'ouro. Timbre: duas cabeças.



**Andrade.** — Em ouro uma banda de vermelho sahindo de duas boccas de serpe de prata, entre dois caldeirões de negro enxequetado de prata e vermelho. Timbre: dois pescoços de serpe de ouro, batalhantes e atados de vermelho.



**Antas.** — Em campo vermelho seis lisonjas de prata em cruz. Timbre: uma anta.



**Aranhas.** — Em campo vermelho uma asna de prata entre trez lizes d'ouro e no alto um escudinho vermelho com uma banda de prata e sobre ella uma aranha preta. Timbre: a asna das armas.

